



**Universidade do Estado da Bahia – UNEB**  
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV  
Colegiado de Geografia  
Licenciatura Plena em Geografia

**AMANDA SILVA SANTOS**

**EMPODERAMENTO CAPILAR E IDENTIDADE NEGRA:  
TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIA NO POVOADO DE PAU-FERRO,  
MUNICÍPIO DE JACOBINA, BAHIA**

**JACOBINA, BAHIA**

**2025**

**AMANDA SILVA SANTOS**

**EMPODERAMENTO CAPILAR E IDENTIDADE NEGRA:  
TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIA NO POVOADO DE PAU-FERRO,  
MUNICÍPIO DE JACOBINA, BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
submetido ao curso de Licenciatura em  
Geografia, apresentado a Universidade  
do Estado da Bahia- UNEB, Campus IV  
para obtenção de título de graduação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Liliâne Matos  
Góes.

**JACOBINA- BAHIA**

**2025**

## Ficha catalográfica

**AMANDA SILVA SANTOS**

**EMPODERAMENTO CAPILAR E IDENTIDADE NEGRA:  
TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIA NO POVOADO DE PAU-FERRO,  
MUNICÍPIO DE JACOBINA, BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
submetido ao curso de Licenciatura em  
Geografia, apresentado a Universidade  
do Estado da Bahia- UNEB, Campus IV  
para obtenção de título de graduação.

Jacobina, 08 de janeiro de 2025.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliane Matos Góes  
UNEB-Campus IV  
(ORIENTADORA)

---

Prof<sup>a</sup> Jamille Santos Ramos (Esp. Em Análise do Comportamento Humano  
para Autismo e Deficiência Intelectual,  
CBI of Miami)

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Gislene Maria Mota dos Santos  
(UNEB/Campus IV)

## **Resumo:**

Partindo da problemática dos procedimentos precoces realizados com alisamentos e o modo como influenciou a vida dessas mulheres na perda de sua identidade negra, a presente pesquisa teve como objetivo analisar o processo de empoderamento capilar e o resgate da identidade de mulheres negras do Povoado de Pau-Ferro, município de Jacobina, Bahia. O campo de pesquisa voltado para o gênero feminino e negro, tem ganhado bastante destaque diante do crescimento da indústria de cosméticos voltados para os cabelos crespos em atenção a população negra. A metodologia de pesquisa utilizada é a etnográfica, por possibilitar a coleta de dados a partir de entrevistas que abordaram a história de vida de cada mulher, desse modo, foram analisadas de forma descritiva e crítica, que após leituras e análises dos dados obtidos, foi possível perceber tanto o processo de ressignificação dessas mulheres a partir da transição capilar como identificar-se como mulher negra num contexto social e político.

**Palavras-chave: mulher negra, empoderamento, cabelo crespo, identidade.**

### **1. Introdução**

O processo de aceitação dos cabelos crespos é longo e impacta diretamente na autoestima da mulher negra, uma vez que engloba o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança/adolescente. Portanto, passar a juventude inteira fazendo uso de produtos químicos para alisamento requer da mulher negra muita força e coragem para enfrentar uma transição capilar, que na realidade trata-se de um autorreconhecimento, principalmente na construção de sua própria identidade como mulher negra na sociedade contemporânea (GOMES, 2000).

Durante a transição, sua autoestima se reduz à ansiedade da transformação na busca do florescer para si mesma. Quando o processo de autoaceitação como mulher negra é iniciado, há um rompimento de padrões estabelecidos pela sociedade, assim como a visibilidade de uma população com características específicas. Isso ocorre a partir do conhecimento científico, e por consequência, da construção/consolidação de uma indústria para atender, de modo particular, as demandas dos cabelos crespos da população negra.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), no Censo Demográfico de 2022, a população negra brasileira, somando a população autodeclarada parda, representa mais da metade da população brasileira, desmistificando a ideia de minoria no sentido de quantidade. Diante de tais dados, percebe-se que o racismo perpetuado pós-escravidão no Brasil

deixou inúmeras sequelas na vida do povo preto, sendo a inviabilização da beleza da mulher negra o enfoque do estudo.

O racismo deriva da ideia de que algumas raças são inferiores a outras (ZAMORA,2012), efetivando e ampliando as diferenças e, conseqüentemente, aumentando as desigualdades sociais. Atribuir os aspectos negativos da sociedade às pessoas de pele preta e negra, assim como as suas características físicas, resulta em uma mazela que persiste até os dias atuais: a marginalização de todo um povo. Com isso, essa forma de violência, que em parte afeta o psicológico, é uma das razões para que a relação com o próprio corpo passe a ser de vigilância, na tentativa de esconder as características do próprio corpo por serem diferentes do padrão imposto. E, por conta disso, o desejo de “embranquecer” contribui para a perda da identidade racial (ZAMORA, 2012).

Amar a si como uma mulher negra, admirar todos os seus traços e formas, se ver no espelho e gostar do reflexo, sorrir e pensar “quão bonita és”, ainda é uma realidade distante para muitas mulheres negras, que tiveram seus corpos por séculos subjugados, oprimidos e calados de forma velada e explícita (TEIXEIRA, 2021).

A presente investigação ocorreu a partir da aceitação das características físicas, especificamente dos corpos negros e dos cabelos crespos, como identidade racial e cultural, trazendo um breve relato histórico de como ocorreu o despertar dessas mulheres negras e como a relação entre o lugar em que se vive possui grande participação na busca por sua identidade, a fim de modificar suas vidas e a forma como as pessoas do lugar passaram a vê-las.

Dessa forma, o objetivo principal do presente estudo consistiu em analisar o processo de empoderamento capilar e resgate da identidade de mulheres negras do Povoado de Pau-Ferro, município de Jacobina, Estado da Bahia. A pesquisa também demonstra a problemática da mulher negra na busca constante por um enquadramento social mediante as lutas enfrentadas diariamente, em um esforço de empoderar-se contra o padrão de beleza imposto socialmente e contra a tentativa de apagamento da identidade negra afrodescendente. Desse modo, questiona-se: quais ações foram predominantes para que esse grupo de mulheres buscasse sua herança negra e resistisse em uma sociedade que não as via como belas?

O ato de empoderar-se a partir do uso dos cabelos naturais é importante, pois demonstra o simbolismo de força e identidade. Além disso, torna evidente as raízes da ancestralidade, e que as mulheres negras não devem calar-se frente ao preconceito racial e de gênero, à violência, e às desigualdades enfrentadas diariamente. Dessa forma, o presente artigo possui relevância, uma vez que contribui para o entendimento das questões de raça e destaca inquietações relacionadas à ancestralidade negra, que em muitos momentos foram ignoradas (CARNEIRO, 2003, p.118). Também traz contribuições significativas para a comunidade negra, em específico, oferecendo apoio para diversas mulheres que passam pela angústia da não aceitação. Desse modo, inicia-se a visibilidade e a construção da identidade negra pela sociedade e pela mulher negra em si, com sua busca constante por um lugar de reconhecimento e igualdade.

Esse artigo apresenta, em seguida, a metodologia utilizada com as etapas e procedimentos, sendo dividido em duas etapas de análise. A primeira etapa aborda a relação do lugar vivido com as mulheres em estudo, seguida pela caracterização dos cabelos crespos e os processos químicos utilizados. A coleta e análises dos dados obtidos ocorre a partir dos relatos acerca da transição capilar e da consolidação da identidade negra, finalizando com as considerações.

## **2. Metodologia**

Para embasamento metodológico, foi utilizada a pesquisa etnográfica, que permite descrever comportamentos de determinados grupos, “sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo. (MATTOS, C. 2011, p.53), podendo ser entendida segundo Fonseca (p.36, 2002) como estudo do grupo e análise detalhada da forma de vida dos mesmos.

Portanto, seguindo essa proposta metodológica, o desenvolvimento do presente artigo apresenta reflexões acerca da relação das mulheres negras com o lugar vivido, ressignificando uma identidade negra, e como ocorreu esse processo de se (re)conhecer como mulher negra e seu processo de empoderamento capilar.

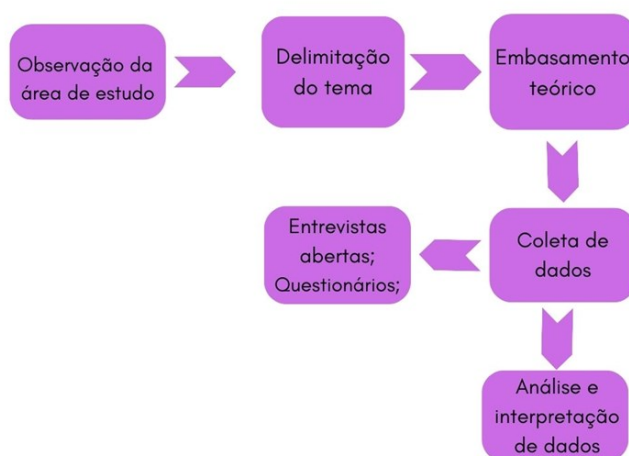
No desenvolvimento desse artigo, são apresentadas as vivências de um grupo de mulheres de Pau-Ferro, com população majoritariamente negra. Seis mulheres negras foram escolhidas, por aderirem à naturalização dos cabelos crespos nos últimos 10 anos e por residirem no Povoado em questão. Elas também compartilham laços de amizade desde a infância e têm idades que variam entre 27 e 56 anos.

Segundo Mattos, C. (2011, p.51),

Compreende o estudo, pela observação direta e por um período, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo.

Por ser uma pesquisa etnográfica, a execução da pesquisa foi conduzida da seguinte forma: observação da área de estudo e delimitação do tema, foram escolhidas as leituras para embasamento teórico em artigos, blogs, reportagens, dados digitais e livros. Para coleta de dados, a etnografia, que possibilita e aconselha a utilização de diversas técnicas além da observação (ATAÍDES et al. 2021, p.142), desse modo, foram utilizadas entrevistas abertas e questionário online. Os resultados são apresentados de forma descritiva e indireta, com argumentos críticos ao que foi coletado. Abaixo, a Figura 1 apresenta as etapas descritas.

**Figura 1:** Etapas de pesquisa.



**Fonte:** Elaborado a partir de Ataídes et al. (2021).

Com base na Figura 1, cada etapa do processo de pesquisa tem um papel importante para alcançar o objetivo descrito, tornando o estudo mais relevante. Durante a observação da área de estudo, já se inicia uma filtragem dos principais aspectos que serão utilizados na pesquisa. A delimitação do tema, juntamente com o embasamento teórico, norteia as discussões e assegura que o objetivo da pesquisa seja mantido a fim de garantir a organização para a coleta e interpretação dos dados que foram coletados.

### **3. O povoado de Pau-Ferro como modelador de identidade e empoderamento das mulheres negras.**

O Povoado de Pau-Ferro é um subdistrito do município de Jacobina, localizado a cerca de 15 quilômetros de distância da cidade. Com base no Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), sua população média é de 488 habitantes. Este pequeno povoado tem sua renda voltada para extração de arenito nas “Serras do Tombador”. Além disso, o caminho utilizado para chegarem as “Serras do Tombador” é conhecido como “Caminho Real”, que, segundo os mais idosos do povoado, foi o mesmo caminho por onde muitos escravizados passaram.

Além do mais, também é de conhecimento que, na época em que os escravizados transitavam pela região, a maioria das terras eram posses de famílias “brancas”. Atualmente, a comunidade que habita o local, é majoritariamente composta por pessoas negras, representa um número expressivo de descendentes dos escravizados.

Para a Geografia, o território é “um espaço concreto” Souza (p.77-116, 2000), assim como nas palavras de Souza (p.77-116,2000), “sua ocupação é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser compreendido sem seu território [...]”. Portanto, as territorialidades são espaços de poder, ocupados do ponto de vista geográfico e cobertos de subjetividades historicamente construída, pois as relações estimulam a construção da identidade.

Essas relações fomentam mudanças no território em que se vive, impulsionando as mulheres de Pau-Ferro na sua busca pelo empoderamento capilar e da identidade da mulher negra. Dessa maneira, “a experiência com o

corpo negro e o cabelo crespo não se reduz ao espaço da família, das amizades, da militância ou dos relacionamentos amorosos” (GOMES, 2003, p. 167).

O cabelo se torna símbolo de luta, de autoaceitação, de identidade e amor-próprio, contribuindo para a construção de uma identidade negra e para o resgate de sua ancestralidade, em uma “sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo” (GOMES, 2003, p.171). O alisamento capilar seria uma sentença, ou seja, uma prioridade para o universo feminino como “catalisador” de inclusão social (MATTOS,2015), pois acreditava-se, e ainda se acredita, que era uma alternativa para se incluírem socialmente, considerando que, a partir daí, haveria certa aproximação à estética tida como aceitável.

Durante muito tempo, as mulheres negras de cabelo crespo e cacheado foram vítimas de uma reprodução automática de costumes. Costumes que não eram questionados, pois o que se propagava era considerado normal, a exemplo do consumo de produtos químicos capilares para alisamento, sempre incentivado pela mídia e inconscientemente utilizados pelas mulheres negras que tinham o tipo de cabelo comumente ridicularizados.

No Povoado de Pau-Ferro, área objeto do presente estudo, tem-se conhecimento que as mulheres daquela localidade sempre fizeram o uso de procedimentos químicos para alisamento nos cabelos. Contudo, há aproximadamente 10 (dez) anos, uma mulher decidiu insurgir contra essa reprodução automática de alisamento capilar, cortando o cabelo, o que causou estranhamento nas pessoas da localidade. A princípio, as pessoas observaram e elogiaram sua coragem, dadas as implicações que a decisão poderia causar, considerando também que, por vezes, a autoestima está diretamente relacionada ao cumprimento do cabelo.

A partir daquele momento, o cabelo da mulher em questão, cresceu. E, com essa mudança, inicialmente visual, outras mulheres negras do povoado, movidas pela curiosidade e desejo de mudança, aderiram ao estilo de cabelo natural por meio da transição capilar.

Isso implica que as mulheres do povoado sentiram a influência de apenas uma mulher negra e, a partir da troca de experiências – algo extremamente

importante para esse movimento –, a aceitação do próprio cabelo pelas mulheres da comunidade se tornou cada vez mais comum. Isso as fortaleceram e possibilitou o questionamento sobre as razões que as levaram a viver buscando mostrar algo diferente do natural, e tratam-se de questões que inconscientemente eram alheias à sua vontade. Ou seja, o cabelo natural, livre de químicas e chapinha, com penteados naturais, como dreads, *box-braids*, turbantes e tantas outras expressões de negritude, são uma forma de empoderar a mulher negra e afirmar sua identidade. Mostrando que a influência do lugar ressignificou essas mulheres, trouxe um resgate de sua identidade nesse processo de empoderamento, que vai muito além do cabelo e da estética, pois reforça suas raízes e fortalece sua ancestralidade negra (ROCHA; CASTAÑEDA, 2024, p. 6).

#### **4. Meu cabelo “ruim”**

O cabelo representa a luta e resistência de um povo. Durante muito tempo, houve a promoção de um modelo de beleza europeu, caracterizado por traços finos, cor da pele clara e cabelos sempre alinhados (COSTA, 2018, p.9). A falta de representação fez com que muitas mulheres negras recorressem aos processos de alisamento químico, numa tentativa de serem vistas ou consideradas belas, negando assim, sua ancestralidade e alimentando o padrão da branquitude, visto socialmente como o mais belo (GOMES, 2003, p.176).

Nesse contexto, entende-se que o alisamento capilar não só retira a identidade da mulher negra, mas também anula as inúmeras possibilidades que seu cabelo oferece, como os métodos de trançar ou raspar. Pontua-se que, em tempos pretéritos, houve a utilização de pentes quentes, aplicação de produtos químicos, escovas e outros métodos para forçar o alisamento capilar.

A tabela a seguir demonstra um breve resumo da evolução dos procedimentos químicos no decorrer dos anos, destacando os métodos mais comuns de alisamento capilar e aqueles utilizados pelas mulheres negras do Povoado de Pau Ferro antes de considerarem a transição capilar.

**Tabela nº 01-** Primeiras técnicas para alisamento capilar.

<b>Período</b>	<b>Técnica de alisamento</b>	<b>Descrição</b>
Antiguidade	Pente quente	Na Grécia Antiga, mulheres usavam pentes quentes para alisar seus cabelos. O pente era aquecido no fogo e depois passado nos fios.
Século XIX	Escova progressiva	A escova progressiva surgiu no século XIX, mas só se popularizou no século XX. A técnica consiste em aplicar uma solução química nos cabelos e depois escová-los para alisar.
Década de 1920	Chapinha	A chapinha foi inventada na década de 1920. Ela consistia em duas placas de metal aquecidas que eram passadas nos cabelos para alisá-los.
Década de 1960	Relaxamento	O relaxamento foi criado na década de 1960. Consiste em aplicar uma solução química nos cabelos para relaxar os cachos e deixá-los mais lisos.
Dias atuais	Progressiva sem formol	A progressiva sem formol é uma técnica mais segura e menos agressiva aos cabelos. Consiste em aplicar uma solução à base de aminoácidos nos cabelos e escová-los para alisar.

**Fonte:** Padilha (2023).

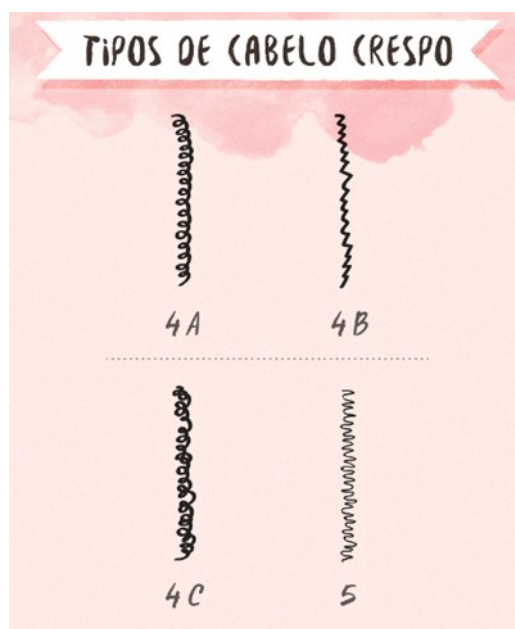
Ao observar as informações da Tabela supracitada, é possível relacionar como as primeiras técnicas de alisamento capilar utilizadas pelas mulheres do povoado do Pau Ferro, como: o alisamento em creme, que consistia em utilizar o produto químico e finalizar com bobes – acessório em material plástico utilizado para definir os cabelos após alisamento; o uso de chapinhas, também utilizada

com outras químicas para alisamento; a utilização de escovas progressivas contendo o composto químico “formol” em sua composição, que tornavam o processo de alisamento muito doloroso e incômodo. Além disso, era um processo demorado e com várias lavagens, utilização de secador e chapinha em altas temperaturas para que se obtivesse o resultado esperado.

A evolução dos processos de alisamento chegou no Povoado de Pau-Ferro na década de 90, já que o mercado apenas oferecia produtos de manutenção para cabelos lisos e alisados, aliado ao fato de que o custo desses produtos era mais acessíveis, do que os produtos para os tipos de cabelo que não fossem enquadrados entre os cabelos classificados como lisos e alisados.

A Figura 2 representa as 04 (quatro) texturas e curvaturas do cabelo crespo, sendo a textura: “4a” com cachos mais fechados e fator de encolhimento maior; “4b” com cachos menos definidos e finos; “4c” com quase nenhum cacho e fios muito finos; e, por último, a textura “5”, onde o fio não apresenta definição. Ressalta-se que estas são apenas algumas das texturas, podendo haver outras definições para cabelos crespos.

**Figura 2.** Tipos de curvaturas do cabelo crespo.



**Fonte:** Broetto (2023).

Com relação a Figura mencionada, fica visível que o cabelo crespo possui várias texturas e curvaturas e por ser um cabelo volumoso, aparenta ser forte,

porém trata-se de mais um mito, inclusive algumas pessoas “demonstram grande surpresa quando percebem que a textura é suave ou agradável ao toque” (HOOKS, 2014). Ademais, a partir das rodas de conversa promovidas para entender melhor a relação das mulheres com seus cabelos e sua identidade negra, observou-se que um dos fatores que contribuíram para a decisão pela transição capilar foi a fragilidade dos cabelos em razão do excesso de química, além da insatisfação com a falta de representatividade. Até mesmo porque o não se sentir representada em marcas de beleza, ou por não conseguir cuidar dos cabelos, fez com que gerasse uma insatisfação dessas mulheres com seu reflexo, fazendo surgir o desejo por mudança para a partir daí aceitar o seu cabelo na forma natural.

Vale destacar a realidade dessas mulheres, posto que no local onde moravam, o acesso aos produtos de beleza e capilares sempre limitado, somado ao fato de que quase não tinham recursos financeiros, incentivando o uso dos alisamentos e a busca pela estética que mais se aproximasse do padrão branco e europeu. Portanto, A falta de salões de beleza especializados em cabelos crespos na cidade de Jacobina, Bahia, também incentivou o uso de alisamentos, visto que estes eram mais acessíveis financeiramente.

Salienta-se que a imposição dos padrões de beleza europeu, percebida também como uma herança da escravidão que “moldou condutas, criou estruturas de mando e obediência, padrões de violência, formas de discriminação arraigadas” (ACCIOLE; FERNANDEZ, 2024, p.4), e que perpetua até os dias atuais, mesmo de forma sutil, também são formas de manipulação para o retorno aos velhos costumes.

Mattos, G. (2015, p.44) diz que:

É histórico que os negros para serem aceitos nos espaços sociais e do mercado de trabalho eram diretamente influenciados pelos padrões estéticos que beneficiavam aqueles mais próximos da estética branca. Daí o alto contingente de mulheres negras com cabelos alisados. Aliás, muitas destas mulheres sofreram ojeriza aos seus cabelos crespos, vítimas de preconceitos, principalmente no início da escolarização, quando as relações se dão coletivamente e a diferença étnico-racial se torna um agravante.

O ato de alisar os cabelos não só destruía os fios com o tempo, mas também a identidade dessas mulheres, reduzindo sua autoestima e levavam-nas

ao cansaço apenas porque primavam minimamente pela vaidade. Tratava-se de algo comum e acessível para aquelas que tinham o cabelo “padrão”, e tornava algo extremamente difícil para mulheres negras cacheadas e crespas. Com isso, surgia a frustração, desencadeada pela dificuldade de manter os cabelos alisados reforçava as tentativas de um “branqueamento”. Hooks (2014) aponta que: “o alisamento parecia cada vez mais um símbolo da opressão e da exploração da ditadura branca”.

Ademais, vale ressaltar que não haviam espaços físicos como salões de beleza especializados na manutenção dos cabelos crespos na cidade de Jacobina, Bahia. Na realidade, existiam apenas salões especializados em cabelos alisados. Nos últimos 10 (dez) anos, novos empreendimentos começaram a oferecer serviços para atender a diversidade de cabelos crespos da população negra, inclusive, penteados com tranças, marcando uma mudança significativa “em relação à representação construída sobre o negro e seu cabelo, às possibilidades econômicas e ao acesso aos espaços de beleza que cuidam do corpo do negro e do cabelo crespo” (GOMES, 2000).

Foi notado que, os espaços criados em Jacobina para cabelos crespos, também eram gerenciados por profissionais negros, que conquistaram espaços num período em que começou a haver procura pelos serviços de penteados, cortes e tratamentos no cabelo crespo, esses salões também são de grande importância para ressignificação do cabelo crespo, dando suporte para muitas mulheres durante a transição e pós transição capilar.

Nesse sentido, leciona Mattos, G. (2015, p.49):

O conceito empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo.

Dessa forma, quando todos descobrem os malefícios da química para o fio fino e sensível do cabelo crespo. Nessa perspectiva, de acordo com Rocha e Castañeda (2024, p.6), “a libertação do liso significa revelar sua ancestralidade, comunicar sua identidade, sua posição de contestação, traduzir na cabeça seu lugar de pertencimento e manifestar outro padrão estético”. Portanto, quando se tem acesso a informação e quando há comunicação entre pessoas negras que

partilham de experiências semelhantes, seja por conta do tipo de cabelo ou da cor da pele, uma nova perspectiva nasce.

## **5. Quando floresci**

A partir dos resultados das entrevistas, que ocorreu em encontros previamente marcadas com elas em locais públicos e dos questionários, que foram realizados de maneira online e enviado para as participantes, constatou-se que, o uso de produtos químicos impactou de forma negativa na vida das mulheres da comunidade em estudo. Posto que, os processos de alisamento químico, além de enfraquecerem os fios capilares, contribuíram para a diminuição da autoestima e, por consequência, impactaram diretamente na identidade afrodescendente dessas mulheres.

Sendo assim, segundo Oliveira e Mattos, R. (2019):

As características de um determinado fenótipo são cultural e socialmente aceitas ou desqualificadas, e oferecem condições distintas para a produção de identidades. Os estereótipos associados às mulheres negras reiteram seus corpos como estando fora dos padrões (de beleza, de feminilidade, de humanidade), o que produz atravessamentos em suas identidades.

Nessa linha de pensamento, observa-se que as mulheres, vítimas da falta de representatividade, recorreram ao uso excessivo de procedimentos com produtos químicos por um longo período, visto que essa era a forma mais conhecida de “arrumação” dos cabelos crespos. Contudo, de acordo com as entrevistadas, os produtos químicos capilares que utilizavam não tinham tanta durabilidade, tornando o seu uso mais frequente.

Ainda, segundo as entrevistadas, os alisamentos em creme tinham forte odor, demonstrando a falta de cuidado pelos fabricantes de cosméticos com os consumidores finais. O intervalo entre as reaplicações, considerando a realidade das mulheres entrevistadas, era de 03 (três) meses, para que a raiz do cabelo crespo não ficasse em evidência, uma vez que com o crescimento do fio natural, era mais difícil controlar o volume do cabelo e, conseqüentemente, atingia a estima dessas mulheres negras.

Daquele ponto em diante, a angústia diante da dificuldade de “arrumar” o cabelo que insistia em não baixar o volume era acompanhada da frustração, pois

o que se tinha acesso era o cabelo domado, totalmente alinhado, conforme promovido pela mídia. Essa falta de falta de representatividade, “que não propaga a beleza negra, em contrapartida, reforça a exaltação do belo associado aos fenótipos brancos” (COSTA,2018, p.40), contribuía de forma violenta para o apagamento dessas mulheres.

Com a acesso à informação por meio da internet, ainda que de forma tardia, considerando o lugar onde cresceram, as entrevistadas relatam que puderam conhecer canais de “youtubers” de mulheres negras como: “@gabi de pretas”, “@tô de crespas”, “@nataly neri” entre outras, engajadas em trazer de volta suas características afrodescendentes, bem como a valorização da estética negra (BRAGA, 2016). Os canais produzem conteúdos inspiradores sobre cuidados com os cabelos e a forma como a transição torna a mulher negra mais segura de suas ações e do lugar que ocupa, passando a enxergar seu cabelo como símbolo de representatividade e ressignificando sua negritude, iniciando assim o resgate da identidade negra outrora relegada (FREITAS, 2018).

Nessa perspectiva, nota-se que, embora o início do processo de transição capilar resulte em estranhamento, o desejo de se desprender do “padrão de arrumação”, que apenas prejudica a identidade da mulher negra, dá lugar à curiosidade e à coragem de assumir os cabelos naturais. Desse modo, compreende-se que todas essas heranças do período escravocrata possuem relação com o fato de que, mesmo insatisfeitas com o resultado dos alisamentos capilares, mulheres negras optam por fazê-los, afinal, o padrão branco foi imposto por tanto tempo no Brasil, que continua sendo algo que impera sob outras identidades. Sob essa perspectiva, Hooks (2014) pontua que: “a relação entre a opressão racista e os argumentos que usamos para convencer a nós mesmas e aos outros de que não somos belos ou aceitáveis como somos”.

Sentimentos relacionados a feiura, exclusão e opressão estão inteiramente associados à relação que se tem com o próprio cabelo, por vezes concebido como sinônimo de beleza segundo os padrões eurocentristas, devendo estar aparentemente perfeito após alisamento e próximo do liso natural (HOOKS,2014). Concernente a isso, em resposta às entrevistas, as mulheres informaram que, embora fossem adeptas do alisamento capilar, “não se sentiam bonitas com o cabelo alisado”, mas que o faziam por ser algo socialmente

enraizado, afinal, a dificuldade ao cuidar do cabelo natural, majoritariamente crespo, sempre foi uma dificuldade também enfrentada por suas mães, perpetuando o ciclo de alisamentos que desvaloriza cabelos crespos.

Contudo, o acesso à informação e o diálogo podem contribuir para a evolução de um determinado grupo de forma conjunta. Dessa maneira, a partir da análise do grupo em estudo, direcionada para entender os reflexos dos debates sobre ancestralidade, constatou-se que a adesão da transição capilar tem se tornado mais comum na comunidade do Povoado de Pau Ferro.

Nessa linha de pensamento, Freitas (2018, p. 80) entende que:

Ao processo de rompimento com a lógica de branqueamento da estética e o período em que se espera que a química de alisamento ou efeitos de alisamentos causados por instrumentos que alisam os cabelos saia dos fios é dado o nome de transição capilar. Este momento é o início de uma reconstrução da identidade, pois, anteriormente, o significado do cabelo crespo para essas mulheres possuía sentido pejorativo. A partir deste momento de transição, ocorre a mudança de sentido do cabelo para as mulheres ganhando conotação positiva.

A transição capilar, conforme mencionado, é um processo de descontinuação do uso da química do alisamento, acompanhado de ansiedade. Embora algumas pessoas adeptas da transição encarem esse processo com mais tranquilidade, pois trata-se de uma jornada cheia de impasses internos e externos. Esse processo perpassa os limites da transição do cabelo com química para sem química, considerando toda questão identitária envolvida.

Em que pese, algumas das mulheres em estudo tenham optado logo pelo corte, outras se dedicam bastante durante todo o processo de transição, recorrendo a muitas pesquisas na internet, redes sociais, blogs, sites, buscando produtos ou penteados, algo que melhor auxilie durante esse processo, descobrindo uma nova realidade um novo jeito de cuidar de si.

O acesso à internet lhes proporcionou uma visão de mundo por diferentes ângulos, somado as informações veiculadas mediante rádio e TV, trazendo uma nova perspectiva de como seriam os cuidados com aquele tipo de cabelo, e a quantidade de opções para manuseá-lo quando se passa pela transição (BRAGA,2016). Afinal, não se trata apenas de uma transformação capilar, há uma mudança em seu modo de pensar e entender em que contexto social se encontra, até se empoderarem como mulheres negras, refletindo sobre “lutas

contínuas com a autoestima e a autorrealização” (HOOKS,2014) tornando-se protagonistas de sua própria história.

Sendo assim, o empoderamento das mulheres desse estudo, veio a partir do momento em que elas aceitaram o processo, viveram a transição capilar, se entenderam como parte de algo e que também devem ser representadas e vistas. O processo foi longo, cansativo e em muitos momentos o sentimento que atinge é de medo, de ansiedade em ver o cabelo crescer rapidamente, os olhares ao cabelo curto em transição. Nesse momento elas irão “lidar com a textura de seu cabelo natural, e a enfrentar, agora através da estética, o racismo” (FREITAS,2018, p.82), contudo o cabelo é seu símbolo de revolução e desistir já não seria uma opção válida.

É inegável que, para dar continuidade a manutenção dos fios naturais, as mulheres negras perceberam o crescimento do mercado referente aos produtos para cabelos crespos, que teve um papel fundamental para esse processo de evolução. É importante atentar-se “para o fato de que a valorização mercadológica do cabelo crespo pode reforçar o discurso de uma imagem estereotipada sobre mulheres negras, tendo como objetivo a obtenção de lucro (OLIVEIRA; MATTOS, R. 2019). Isto porque a indústria surgiu com inúmeras variedades e opções de produtos para todas as texturas de cabelo crespo. No entanto, mesmo diante dessa problemática, as mulheres citadas nesse estudo passaram a obter produtos de qualidade, para a manutenção de seus cabelos crespos pós transição.

Os resultados apresentados evidenciam que o caminho percorrido fora longo, mas alcançou-se o objetivo desejado: reconhecer-se como mulher negra, amar-se como tal e admirar cada característica do seu corpo. Deixar de alisar o cabelo é, “por si só, um ato revolucionário” (ROCHA; CASTAÑEDA,2024).

Inclusive, para as lutas diárias contra o racismo estrutural que permeia na sociedade, o cabelo “natural livre de químicas e chapinha (...) os turbantes e tantas outras expressões de negritude são, assim, uma forma de empoderar a mulher preta e de afirmar sua identidade” (ROCHA; CASTAÑEDA,2024). Portanto, cabe a cada uma delas quebrar esse ciclo, enfrentando as discriminações sofridas e utilizando seus cabelos como ato revolucionário de luta e respeito à ancestralidade.

Em suma, a interação aqui apresentada, demonstrou que a coletividade fortalece o movimento e que todas as mulheres podem empoderar-se a partir da aceitação das características físicas, cabelos crespos e reforçar sua identidade negra. De igual forma, observa-se esse fortalecimento com a participação do restante da comunidade do Povoado de Pau-Ferro em total apoio, criando uma comunidade mais forte e solidária. Por fim, todas entrevistadas reforçaram a ideia de que o empoderamento capilar modificou a maneira como elas se viam, despertando assim o interesse pela sua negritude.

## **6. Considerações finais**

Neste estudo, buscou-se compreender a trajetória de mulheres negras do Povoado de Pau-Ferro no que diz respeito ao impacto dos alisamentos químicos em suas vidas, bem como o empoderamento decorrente da transição capilar e aceitação dos cabelos crespos.

O processo de transição capilar revelou-se um caminho de empoderamento, resgate da autoestima e da ancestralidade dessas mulheres. Portanto, essas mudanças significativas configuram-se como um movimento de resistência e valorização da identidade negra ao reconhecer suas características afrodescendentes.

Observou-se que o processo de alisamento químico, associado à tentativa imposta de adequação aos padrões estéticos brancos, resultou em impactos negativos na saúde dos fios, na autoestima e, principalmente, a identidade dessas mulheres. Notou-se que a transição capilar fortaleceu os vínculos entre as mulheres da comunidade e possibilitou a construção de novos vínculos a partir do crescimento do cabelo crespo. Houve uma consequente elevação da autoestima e uma significativa mudança na vida dessas mulheres, pois elas (re)conheceram como mulheres negras, sem mais estranhamentos e com a certeza de que fizeram as escolhas certas.

Assim, o processo de empoderamento dessas mulheres negras ganhou novas perspectivas, pois gerou curiosidades acerca de outros movimentos, tanto de empoderamento quanto relacionados ao feminismo negro e as questões que permeiam esse movimento, valorizando e lutando pelo direito e igualdade das mulheres negras. Essas questões são importantes e merecem aprofundamento futuro para ampliação do seu campo de manifestações.

Com isso, pontua-se a importância dos conteúdos sobre a população negra nos principais meios de comunicação, ressaltando o modo como esses conteúdos inspiram mulheres negras, algo que não era visto com tanta frequência. Ressalta-se também a relevância do crescimento do mercado industrial com produtos para cabelos crespos e para o corpo negro.

Empoderar-se vai muito além de modificar o cabelo; o autoempoderamento altera a forma de ver a vida e valoriza quem você se torna no processo. Contudo, as sequelas psicológicas decorrentes das inúmeras tentativas de inferiorização da mulher negra ainda são fortemente presentes. Nesse contexto, são necessárias a implantação de políticas públicas e realização de projetos curriculares nas escolas, com ações e planejamentos bem elaborados e executados durante o ano, mostrando a valorização das características negras e o fortalecimento da beleza negra.

Desse modo, a influência da transição capilar iniciada por uma mulher negra moradora do povoado em questão, trouxe uma nova perspectiva para as demais mulheres em estudo, o processo de transição capilar, o consumo de conteúdos e os conhecimentos compartilhados entre elas, foi de grande importância para um resgate da identidade negra e como uma declaração de sua beleza, que vai além dos cabelos, celebrando suas raízes afrodescendentes.

Diante do que foi exposto, conclui-se que a coletividade, o acesso à informação e o reconhecimento da ancestralidade são fatores necessários para a consolidação do movimento de empoderamento das mulheres negras por meio da transição capilar. Acredita-se que este estudo contribui para o entendimento da importância da representatividade e da valorização das características afrodescendentes na construção da identidade e autoestima das mulheres negras, que amam e aceitam seus traços físicos, consciente de seu lugar no mundo.

## 7. Referências

ACCIOLI, Nilma Teixeira, FERNANDEZ, Raffaella-**CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO: LILIA SCHWARCZ E FLÁVIO GOMES**. Revista Z cultural. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/>

ATAÍDES, F. B., OLIVEIRA, G. S., SILVA, A. A F. (org)-**A ETNOGRAFIA: UMA PERSPECTIVA METODOLOGICA DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**- Cadernos da Fucamp, v.20, n.48, p.133-147/2021

BRAGA, L. A. **Blogueiras negras em destaque na Revista Raça Brasil: Promovendo o orgulho através da estética**. *Temática*, 12(5), 2016, p.195-209.

BRETTO, Nicole-**Cabelo crespo: veja os tipos, cortes, penteados e aprenda como cuidar**- Atualizado em 03.05.23

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, vol.17, n. 49, 2003, p. 117-132.

COSTA, Sandra Santana- **Trajetória do feminismo negro no Brasil: movimentos e ações políticas** - Universidade Federal da Bahia, 2020.

COSTA, Ana Luísa- **Padrões de beleza e racismo na construção da identidade de mulheres negras**- São Luís, 2018.

CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Geisiane Cristina de Souza-**CABELO CRESPO E MULHER NEGRA: A RELAÇÃO ENTRE CABELO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**- Revista Idealogando, v. 2, n. 2, p. 65-87, 2018

GOMES, Nilma Lino-**Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**- Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

HOOKS, b. **Alisando o nosso cabelo**. *Revista Gazeta de Cuba* - Unión de escritores y artista de Cuba, 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks>

HOOKS, Bell- **E eu não sou mulher não? Mulheres negras e o feminismo-7<sup>a</sup> ed.**-Rio de Janeiro: Rosa dos tempos,2020.

LEITE, Maria Jorge dos Santos- **TRÁFICO ATLÂNTICO, ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA NO BRASIL**-Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana* Ano X, NºXIX, agosto/2017

LUZ, Alessandra, LUZ, Lila Cristina Xavier-**Transição capilar e o processo de empoderamento da mulher negra. 2021.**

MANZI, Maya, ANJOS, Maria Edna dos Santos Coroa dos- **O corpo, a casa e a cidade: territorialidades de mulheres negras no Brasil**- *Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.* 23 • 2021.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **ESTÉTICA AFRO-DIASPÓRICA E O EMPODERAMENTO CRESPO**. *Revista do Programa de Pós-graduação em crítica cultural. Alagoinhas.* (37-53), 2 de julho\dezembro de 2015.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de, MATTOS, Amana Rocha-**Identities in transition: Narratives of black women about hair, techniques of whitening and racism**- *Estud. pesqui. psicol.* vol.19 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2019

PADILHA, Sofia. **Evolução do Alisamento Capilar: Da Antiguidade aos Dias Atuais. Salão Virtual\2023**

PEQUENO, Anita. **História Sociopolítica do cabelo crespo**. *Revista Z cultural*, Rio de Janeiro. (1-14), 01 de 2019.

ROCHA, Elisa Nesi, CASTAÑEDA, Marcelo-**Empoderamento crespo e marketing: uma relação para além do consumo-** Revista ciências administrativas 30: e13512, 2024.

SOUZA, Marcelo José Lopes de- **O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.** 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, p.79-116, 2000.

TEIXEIRA, Denise Letícia do Nascimento -**Do Feio ao Belo: desembaraçando os fios e tecendo considerações sobre o empoderamento capilar feminino negro.** - Gênero na Amazônia, Belém, n. 20, jul./dez.,2021

ZAMAORA, Maria Helena Rodrigues Navas-**Desigualdade racial, racismo e seus efeitos-** Fractal, Rev. Psicol. 24 (3) • dez 2012.

### **Sites**

[Panorama do Censo 2022 \(ibge.gov.br\)](http://ibge.gov.br)

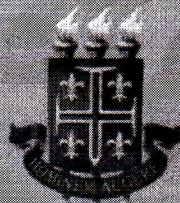
Acesso em 20 de março,2024

[Quais são os tipos de cabelos crespos e como identificá-los? | A Melhor Escolha](#)

Acesso em 20 de março, 2024

[Povoado Pau Ferro, Jacobina - BA \(informacoedobrasil.com.br\)](http://informacoedobrasil.com.br)

Acesso em: 21 de julho,2014.



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV – JACOBINA-BA  
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos oito dias do mês de janeiro de 2025 às 19:05, reuniram-se na sala virtual do Google Meet deste Departamento de Ciências Humanas – Campus IV/Jacobina as professoras Gislene Maria Mota dos Santos e Jamille Santos Ramos para avaliarem o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia intitulado: EMPODERAMENTO CAPILAR E IDENTIDADE NEGRA: TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIAS NO POVOADO DE PAU-FERRO, MUNICÍPIO DE JACOBINA-BÁHIA da discente **Amanda Silva Santos**. Terminada a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta para atribuir as notas e elaborar o parecer final da apreciação do trabalho, decidindo que o/a discente(s) obteve/obtiveram média 9,0 (nove), sendo assim aprovada, desde que efetuadas as devidas correções sugeridas pela Banca de TCC.

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

**LILIANE MATOS GOES**  
Data: 17/03/2025 16:07:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Liliane Matos Góes (UNEB/Campus IV)

Orientadora

*Gislene Maria Mota dos Santos*

---

Profª Ma. Gislene Maria Mota dos Santos (UNEB/Campus IV)

Membro Interno da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

**JAMILLE SANTOS RAMOS**  
Data: 11/02/2025 08:45:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profª Esp. Jamille Santos Ramos (Esp. Em Análise do Comportamento Humano para Autismo e Deficiência Intelectual, CBI of Miami)

Membro Externo da Banca Examinadora